Capítulo I — Os ladrões na Judeia

> **Sumário.** Etimologia da palavra ladrões ou larápios. — Ladrões ou bandoleiros muito numerosos na Judeia no tempo de Nosso Senhor. — Testemunho do historiador Josefo. — Caça movida aos bandoleiros por Herodes e pelos governadores romanos, Pilatos, Félix e Festo. — Por que tantos bandoleiros na Judeia.

> *E erão tambem levados com Jesus outros dous, que erão malfeiteiros, para se lhes dar a morte. E depois que chegárão ao lugar que se chama Calvario, alli o crucificarão a elle: e aos ladrões, hum á direita, e outro á esquerda. E Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes: porque não sabem o que fazem. Dividindo porém os seus vestidos, sorteárão-nos...*

> *E hum d'aquelles ladrões, que estavão dependurados, blasfemava contra elle, dizendo: Se tu és o Christo, salve-te a ti mesmo, e a nós-outros. Mas o outro respondendo, o reprehendia, dizendo: Nem ainda tu temes a Deos, estando no mesmo supplicio. E nós-outros o estamos na verdade justamente, porque recebemos o castigo que merecem as nossas obras: mas este nenhum mal fez. E dizia a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino. E Jesus lhe respondeo: Em verdade te digo: Que hoje serás comigo no paraíso.*[1]

Os dois criminosos que subiam ao Calvário com o Filho de Deus eram ladrões, *latrones*. Essa palavra latina designa, não os trapaceiros ou punguistas, mas os salteadores de estrada, os bandoleiros.

> *Os antigos — diz Festo — chamavam latrones aos homens contratados a soldo para fazer o ofício da guerra. Hoje se dá esse nome aos salteadores de estrada, quer porque atacam os viajantes de lado, quer porque se escondem para armar-*

> *lhes ciladas.*[2]

A legislação de todos os povos os punia com a morte. Entre os romanos, o mais cruel e o mais ignominioso dos suplícios, a crucificação, lhes era reservado.

> *A razão disso — diz são Gregório de Nissa — é que o bandoleiro, para atingir o seu fim, não recua diante do homicídio. Ele anda armado, associa-se a companheiros, escolhe os lugares favoráveis. Eis por que as leis o condenam à pena dos assassinos.*[3]

Assim, os bandidos faziam então o que ainda hoje fazem os seus sucessores em todos os países. Armados até os dentes, errantes pelas montanhas, escondidos nas cavernas, postados de emboscada nas estradas, nos lugares ermos, atacavam os passantes, espancavam-nos e, se não os matavam, deixavam-nos semimortos de ferimentos. Sem sair do Evangelho, temos a prova disso na história do viajante de Jerusalém a Jericó. Essa não é a única vez que o texto sagrado fala dos salteadores de estrada. No dia da paixão, encontramos Barrabás, insigne bandoleiro, sedicioso e assassino. Enfim, dois bandoleiros são os companheiros de suplício do Filho de Deus.

Pode-se perguntar por que o Evangelho, tão sóbrio em pormenores, constata repetidas vezes a existência de bandoleiros na Judeia. Sobretudo, pode-se perguntar por que Nosso Senhor toma o assunto de uma de suas mais belas parábolas no caso de um viajante atacado por ladrões. A história sagrada e a história profana se reúnem para dar a resposta. A primeira nos diz: para ser compreendido pelas multidões, o admirável Mestre tirava suas instruções das coisas conhecidas de todos. A segunda acrescenta: na época em que ele vivia, e até a ruína da nação, a Judeia estava infestada de bandoleiros.

De onde provinha essa estranha situação? De um lado, os judeus, na qualidade de povo de Deus, julgavam-se isentos de toda dominação estrangeira. De outro, tinham sofrido cruelmente com os reis da Síria e até com os romanos. O ódio ao estrangeiro, que fermentava no coração da nação, manifestava-se por revoltas e motins incessantemente renascentes. Dispersados pela força pública, os rebeldes retiravam-se para as montanhas e não tardavam, como vimos em nossos dias, a tornar-se temíveis bandoleiros.

Quer-se saber o que fez a reputação de Herodes, o Primeiro, e lhe aplainou os degraus do trono? Escutemos o historiador Josefo.

> *Antípater, tendo adquirido grande poder, confiou o governo da Galileia a seu filho Herodes, ainda muito jovem: tinha apenas quinze anos. Mas a juventude em nada diminuía a sua capacidade. De caráter ardente e resoluto, não tardou a achar ocasião de mostrar a sua coragem. Tendo encontrado Ezequias, chefe de*

> *bandoleiros que, à frente de numeroso bando, infestava as fronteiras da Síria, lançou-se sobre ele e o matou, bem como a grande número de ladrões, seus companheiros. Esse feito lhe valeu, em alto grau, a afeição dos sírios, cujos desejos satisfizera, livrando o país do banditismo. Assim, apregoavam por toda parte, nas cidades e nas aldeias, que ele era o seu libertador e que a ele deviam o tranquilo gozo de seus bens. Esses elogios o deram a conhecer a Sexto César, parente do grande César e então governador da Síria.*[4]

Uma das grandes ocupações de Pilatos durante os dez anos de seu governo, e de seus sucessores Félix, Festo e os demais, durante a sua presidência, foi caçar os bandoleiros.

O país estava cheio deles quando, no ano 51 de Nosso Senhor, o nono do reinado de Cláudio, Félix veio tomar posse do seu governo.

O temido chefe dos bandoleiros era Eleazar, filho de Dineu. Havia vinte anos, esse antigo Mandrin[5] era o terror da província. Muitas vezes as tropas romanas o tinham perseguido nas montanhas que lhe serviam de covil. Vários de seus homens tinham sido presos e executados no ato por ordem de Félix; mas Eleazar sempre escapava. Sendo inútil a força, Félix recorreu à astúcia. Mandou pedir uma entrevista a Eleazar, jurando que não lhe seria feito mal algum: Eleazar aceitou. Mal entrou na tenda de Félix, foi carregado de correntes e enviado a Roma para sofrer, na prisão Mamertina, o suplício reservado aos grandes criminosos.[6]

A morte de Eleazar não pôs fim ao banditismo. Pelo contrário: manifestou-se com nova recrudescência e acabou por envolver toda a Judeia. Só se ouvia falar de aldeias saqueadas e incendiadas, de viajantes detidos, de habitantes degolados. Foi nesse triste estado que Festo, sucessor de Félix, encontrou a Judeia quando veio assumir-lhe a administração, no ano 58 de Nosso Senhor, o segundo de Nero.[7]

Uma causa dessa recrudescência foi o descontentamento dos judeus de Cesareia. Essa cidade era habitada por judeus e por sírios, que gozavam dos mesmos privilégios e viviam em pé de total igualdade. Invejosos dos judeus, os sírios quiseram tirar-lhes o direito de cidadania. Com esse fim, os principais dentre eles escreveram a Berilo, antigo preceptor de Nero, e o corromperam com presentes, a fim de que obtivesse do imperador a aquiescência ao pedido deles.

O êxito não se fez esperar. Mal se tornou conhecido o rescrito imperial, os judeus entraram em plena revolta. Formaram-se por todo o país guerrilhas que acabaram em bandos de bandoleiros. À frente deles surgiu um mágico que atraía as multidões ao deserto, embalava-as com vãs esperanças e prometia torná-las invulneráveis. Para pôr termo a esse estado de coisas, que se tornara intolerável, Festo enviou um corpo de exército, infantaria e cavalaria, que deu caça aos bandoleiros e massacrou o impostor com toda a sua tropa.[8]

Por um retorno merecido da justiça divina, esses judeus soberbos, que se recusavam a reconhecer um Messias pacífico e crucificavam a própria Verdade, aceitavam todas as quimeras e, sempre em guerra, arriscavam a vida para sustentá-las. Assim será até o fim dos séculos. Dai-me uma nação,

uma sociedade, uma época que sacuda o jugo do Príncipe da paz, que se insurja contra a Verdade viva; e vê-las-eis cair infalivelmente sob a tirania do príncipe da guerra e pai da mentira. E se Deus não intervém por uma ação direta e soberana, esse mundo fascinado marchará de erros em erros, de revoluções em revoluções, até que se dilacere com as próprias mãos, ou que algum chefe de bárbaros venha pôr fim à sua culpável existência.

Vê-se que não era difícil encontrar ladrões na Judeia, e nada impede crer que os dois ladrões do Calvário tenham pertencido a algum dos tão numerosos bandos espalhados pelo país.[9] Esses pormenores históricos não explicam apenas a menção, várias vezes repetida no Evangelho, dos bandoleiros na Palestina: autorizam ainda a tradição de que vamos falar.

Notas

[1] São Lucas, XXIII, 32, 33.

[2] *Latrones eos antiqui dicebant qui conducti militabant* («Os antigos chamavam *latrones* aos que militavam a soldo») (eram os *condottieri* dos tempos modernos), *ἀπὸ τῆς λατρείας, id est a mercede; at nunc viarum obsessores dicuntur latrones, quod a latere adoriuntur, vel quod latenter insidiantur* («do grego *latreía*, isto é, do salário; hoje, porém, chamam-se *latrones* os que infestam os caminhos, ou porque atacam de lado, ou porque armam ciladas às escondidas»). *De verbor. signific.*, letra L. — Santo Isidoro de Sevilha dá a mesma etimologia: *Latro enim insessor est viarum a latendo dictus; melius autem latro est quasi latero, quia a latere insidiantur viæ...* («Com efeito, o *latro* é o que assedia os caminhos, assim chamado de *latendo*, isto é, de esconder-se; melhor, porém, é dizer *latro* como se fosse *latero*, porque atacam os caminhos pelo lado...»). *Etymol.*, liv. X, letra L.

[3] *Latro enim etiam homicidium ad id quod studet assequi, assumit, ad id paratus et armis et copiis et opportunitate loci, adeo ut is homicidiorum judicio subjiciatur.* («Com efeito, o bandoleiro recorre até ao homicídio para alcançar o que pretende, para isso preparado com armas, com companheiros e com a oportunidade do lugar, de tal modo que é submetido ao juízo dos homicidas.») *Epist. conc. ad episc. mityl.*, t. VIII, 122.

[4] *Antipater Herodi... Galilæam commisit, cum esset omnino juvenis; nam quindecim tantum annos natus erat. Verum illi juvenilis ætas nihil erat quidquam incommodi. Sed quoniam animi generosi erat adolescens, statim invenit exercendæ suæ virtutis occasionem. Cum enim offendisset Ezechiam, latronum ducem, magna manu finitima Syriæ incursantem, illum nactus interfecit, et multos ejus gregales latrones. Ipsum autem ob hoc facinus magno amore prosecuti sunt Syri; nam regionem, quam a latrociniis liberari desiderabant, purgavit. Itaque eum hanc ob causam passim per urbes vicosque prædicabant, ut qui pacem illis dederit, feceritque ut bonis suis tuto fruerentur. Quo fiebat ut etiam Sexto Cæsari innotesceret, cognato magni Cæsaris, et Syriæ res procuranti.* («Antípater confiou a Galileia a Herodes, que era ainda muito jovem, pois tinha apenas quinze anos. Mas a idade juvenil em nada o prejudicava; e, sendo o jovem de ânimo generoso, logo achou ocasião de exercer a sua virtude. Tendo encontrado Ezequias, chefe de ladrões, que com grande bando fazia incursões nas fronteiras da Síria, caiu sobre ele e o matou, e a muitos dos ladrões seus companheiros. Por esse feito os sírios o tiveram em grande afeto, pois purificara a região, que

desejavam ver livre dos latrocínios. E assim o apregoavam por toda parte, nas cidades e aldeias, como quem lhes dera a paz e fizera que gozassem seguros dos seus bens. Daí resultou que se tornasse conhecido também de Sexto César, parente do grande César e administrador da Síria.») *Antiq. jud.*, liv. XIV, cap. IX, n. 2.

[5] N. do T.: Louis Mandrin (1725-1755), célebre contrabandista e chefe de bando francês, executado na roda; o autor volta a ele no capítulo XXIV.

[6] Josefo, *Ant. Jud.*, liv. XX, cap. V-VI; id., *De bell. civ.*, liv. II, cap. XII.

[7] *Cum autem venisset in Judæam offendit totam afflictam a latronibus, vicos passim populantibus, quorum ferocissimi appellati sicarii, tunc ad maximum numerum excreverunt... qui festis diebus admixti turbæ, undique in urbem confluenti religionis gratia, nullo negotio quotquot collibuisset, tollebant de medio. Aliquando etiam armati invadebant inimicorum vicos direptosque tradebant incendio.* («Ao chegar à Judeia, encontrou-a toda afligida pelos ladrões, que saqueavam as aldeias por toda parte; os mais ferozes eram chamados sicários, e então cresceram até um número enorme... Nos dias de festa, misturados à multidão que de todas as partes afluía à cidade por motivo de religião, tiravam do meio, sem dificuldade, a quantos lhes aprouvesse. Às vezes, armados, invadiam as aldeias dos inimigos e, depois de as saquear, entregavam-nas ao incêndio.») Josefo, *Antiq. Jud.*, liv. XX, cap. VII.

[8] *Festus autem equites et pedestres copias misit contra quemdam impostorem magum, qui homines post se trahebat in solitudinem, deceptos vanis promissis, quasi ope ejus incolumes evasuri essent a malis omnibus. Hi universi una cum seductore ab immissis militibus oppressi sunt.* («Festo enviou tropas de cavalaria e infantaria contra certo impostor mágico, que arrastava atrás de si os homens ao deserto, enganados com vãs promessas, como se, por seu auxílio, fossem escapar ilesos de todos os males. Todos eles, juntamente com o sedutor, foram esmagados pelos soldados enviados.») Josefo, *ibid.*

[9] *Hi latrones fortasse fuerunt ex iis, qui tunc temporis Judæam infestabant, nec alium sibi regem esse quam Deum asserebant, et Romano imperio propterea se non esse subjectos dictitabant.* («Esses ladrões talvez tenham sido dos que então infestavam a Judeia e afirmavam não ter outro rei senão Deus, e por isso diziam não estar sujeitos ao império romano.») Ferraris, *Biblioth.*, v.º *Latrones*.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:39:39 by Admin
Updated 25 November 2026 00:39:39 by Admin